

ALTERIDADE E RESPONSABILIDADE ÉTICA EM EMMANUEL LÉVINAS PARA A EDUCAÇÃO INCLUSIVA (ODS-4) ¹

Livia Pelli Palumbo ², Stéphani Fleck da Rosa³, Maiquel Ângelo Dezordi Wermuth⁴

¹Projeto de Pesquisa CAPES/Programa de Desenvolvimento da Pós-Graduação (PDPG) Alteridade na Pós-Graduação: “Pessoas com deficiência no ensino de pós-graduação stricto sensu no Brasil: a ética da alteridade na construção de políticas públicas de inclusão”.

² Em estágio Pós-Doutoral do PPGD/UNIJUÍ, Projeto de Pesquisa “Pessoas com deficiência no ensino de pós-graduação stricto sensu no Brasil: a ética da alteridade na construção de políticas públicas de inclusão”. Doutora e mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Direito pelo Centro Universitário de Bauru (ITE). Contato: livia.ppalumbo@gmail.com.

³Pós-Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Direitos Humanos pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUÍ). Pesquisadora PROCAD- SPCF (CAPES Processo n°. 88887.840332/2023-00). Doutora em Direito pelo Programa de Pós-Graduação em Direito pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul- UFRGS (2022). Mestre em Direito pela UFRGS (2016). Bolsista Produção CAPES/CNPQ (2020-2022). ID Lattes:7477234027938320. ID ORCID: 0000-0001-7326-6887. E-mail: stephanifleckrosa@gmail.com.

⁴Pós-Doutorando em Direito pela Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo (USP). Doutor em Direito pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS (2014). Mestre em Direito pela UNISINOS (2010). Pós-graduado em Direito Penal e Direito Processual Penal pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul - UNIJUÍ (2008). ID Lattes: 0354947255136468. ID ORCID: 0000-0002-7365-5601. E-mail: madwermuth@gmail.com.

RESUMO

O artigo destaca a relevância da ética da alteridade de Lévinas para a educação inclusiva, utilizando a abordagem fenomenológica. Ao transcender a objetividade e categorização, enfatiza-se a importância de compreender as experiências subjetivas dos outros. A ética da alteridade desafia a tradição filosófica ocidental, centrada no Ser, e convida educadores a adotarem uma postura ética de respeito à singularidade e dignidade de cada aluno, alinhando-se ao Objetivo de Desenvolvimento Sustentável 4 (ODS 4) da ONU - Educação de Qualidade. A pesquisa ressalta que a educação inclusiva deve ser vista como um esforço ético, superando obstáculos e enfrentando atitudes discriminatórias para criar um ambiente de aprendizado compassivo e respeitoso, promovendo assim uma sociedade mais justa e equitativa. Através da ética da alteridade, a abordagem sustentável da ODS 4 é reforçada, ao garantir que cada indivíduo tenha acesso a uma educação de qualidade, valorizando suas experiências e perspectivas únicas, e promovendo o respeito pela diversidade dos alunos.

Palavras-chave: Alteridade; Educação Inclusiva; Lévinas.

ABSTRACT

The article highlights the relevance of Levinas' ethics of alterity for inclusive education, using the phenomenological approach. By transcending objectivity and categorization, it emphasizes the importance of understanding others' subjective experiences. The ethics of alterity challenges the Western philosophical tradition, centered on the Self, and calls on educators to adopt an ethical stance of respect for the uniqueness and dignity of each student, aligning with the United Nations Sustainable Development Goal 4 (SDG 4) - Quality Education. The research

emphasizes that inclusive education should be seen as an ethical endeavor, overcoming obstacles and confronting discriminatory attitudes to create a compassionate and respectful learning environment, thereby promoting a fairer and more equitable society. Through the ethics of alterity, the sustainable approach of SDG 4 is reinforced, ensuring that each individual has access to quality education, valuing their unique experiences and perspectives, and promoting respect for the diversity of students.

Keywords: Alterity; Inclusive Education; Levinas.

INTRODUÇÃO

Emmanuel Lévinas nasceu em 12 de janeiro de 1906, na Lituânia. Ele conheceu o antissemitismo czarista russo em seu estado natal e, em 1939, entrou em contato com o antissemitismo nazista durante a Segunda Guerra Mundial, quando foi capturado e preso pelos nazistas. Na Lituânia, a família de Lévinas vivia relativamente bem. Seu pai possuía uma livraria que vendia livros russos para professores de educação física, enquanto sua mãe era responsável principalmente por sua carreira intelectual. A Primeira Guerra Mundial, no entanto, trouxe as primeiras dificuldades para os Lévinas, especialmente quando a região em que viviam - Kovno - foi tomada pelos alemães em outubro de 1915 (De Melo, 2003, p. 12). Nessa ocasião, a família Lévinas teve que se refugiar na Ucrânia, oportunidade em que Emmanuel pôde retomar seus estudos de hebraico bíblico. Mais tarde, em 1920, a família Lévinas retornou à Lituânia e, após concluir seus estudos, o jovem Emmanuel decidiu que era hora de deixar sua terra natal para continuar seus estudos na França (De Melo, 2003, p.12). Durante a faculdade, Emmanuel Lévinas dedicou-se ao estudo de latim e filosofia no Instituto de Filosofia da Faculdade de Teologia Protestante de 1924 a 1929, tendo como professores Maurice Pradines, Henri Carteron, Charles Blondel e Maurice Halbwachs, entre outros grandes nomes da filosofia. Lévinas publicou várias obras ao longo de sua vida, algumas escritas durante o cativeiro, no Stalag, e foi nomeado professor na Universidade de Nanterre e na Sorbonne. Lévinas morreu em Paris em 1995, aos 90 anos (De Melo, 2003, p. 12).

O pensamento de Lévinas transcende sua própria vida e permanece altamente relevante para a filosofia contemporânea. É evidente que a ética guia o pensamento do filósofo, estabelecendo a mudança do paradigma do ser para o Outro, uma teoria que tem sido identificada na filosofia como a ética da alteridade. O conceito de infinito em Lévinas não é

dado por definições, mas pelo testemunho ético, pela responsabilidade assumida pelo outro, em um “eis-me aqui”.

É inegável o interesse apresentado pela filosofia, governos e até mesmo pela tecnologia atual em categorizar o universo, o mundo, objetos e pessoas. Com base nessa afirmação, estamos constantemente buscando identificar padrões, repetições, movimentos da natureza, das sociedades e dos seres humanos. Na verdade, é atualmente notório que as pessoas são categorizadas de acordo com seus interesses identificados a partir dos “cliques” na internet. Essa necessidade de categorização revela a lógica do pensamento ocidental que pretende identificar tudo o que há para ser compreendido. A compreensão do Ser ocupa a posição de guia norteador que fornece direção a todo o pensamento filosófico.

Além disso, a base conceitual deste artigo apresentará e levará em conta a educação como um dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, em particular o ODS 4 da Agenda 2030 da ONU, uma breve noção de alteridade, ética e sustentabilidade sobre a vida e teoria de Emmanuel Lévinas, bem como a análise dos desafios para o acesso à educação de qualidade a todas as pessoas, que passa pela inclusão.

METODOLOGIA

A fenomenologia é uma metodologia particularmente apropriada para esse tipo de pesquisa, pois nos permite ver os mundos dos outros, revelar vozes e experiências individuais das quais podemos não estar cientes e compreender o significado dessas experiências. Isso é feito não através da objetividade, mas através da intersubjetividade humana compartilhada, na qual o pesquisador também deve tomar consciência de suas próprias suposições e preconceitos e deixá-los de lado ao procurar vislumbrar a experiência vivida dos outros. A fenomenologia husserliana desafia o dualismo mente-corpo cartesiano, que dominou a filosofia ocidental por muito tempo, por meio de sua compreensão da estrutura da consciência a partir da perspectiva em primeira pessoa e da noção husserliana da intencionalidade de toda experiência: que toda experiência é dirigida a algo ou a alguém. O trabalho de Husserl abriu caminho para o desenvolvimento posterior da fenomenologia por Heidegger, Merleau-Ponty e Lévinas, entre muitos outros, e teve uma influência significativa em diversas áreas da filosofia e da pesquisa, enfatizando a experiência em primeira pessoa e o conhecimento subjetivo.



A fenomenologia começa com uma “disposição básica de maravilhamento” que “nos desloca e nos afasta” (van Manen, 2014, p. 143). É essa disposição básica que “nos transporta para o início do pensamento genuíno” (Heidegger apud van Manen, 2014, p. 143). Esse “pensamento genuíno” é o que van Manen chama de “questionamento fenomenológico”, quando ele escreve: “há discernimento reflexivo, conhecimento e habilidade narrativa entre o maravilhamento e o questionamento fenomenológico” (van Manen, 2014, p. 37). A pesquisa fenomenológica só pode ser abordada com um espírito reflexivo e contemplativo e uma mente aberta. É isso, junto com a “disposição básica”, que me leva a questionar a natureza de nossa existência e como experimentamos o mundo de nossa existência: nosso “ser” no mundo e do mundo.

Husserl descreve detalhadamente o “método fenomenológico”, mas esse não é um “método” no sentido de como os detalhes dos projetos de pesquisa são conduzidos e são apresentados na literatura de métodos. Como em toda pesquisa qualitativa, existem, é claro, etapas a serem seguidas, e essas estão bem documentadas na literatura de métodos. No entanto, dentro desse quadro muito amplo, há uma abordagem diferente que busca desvendar a profundidade da experiência humana, revelando aspectos do fenômeno em estudo. A pesquisa fenomenológica pode avançar de maneira mais intuitiva, permitindo uma reflexão profunda por parte do pesquisador e reconhecendo a importância da subjetividade humana em todas as etapas do processo de pesquisa.

LÉVINAS E O TEMA DA ALTERIDADE E DA RESPONSABILIDADE ÉTICA

Nesta pesquisa sobre educação inclusiva, o papel do Outro é de grande importância. A educação inclusiva declara entre seus propósitos o estabelecimento de sociedades mais justas, onde todas as pessoas têm acesso a uma educação de qualidade e significado, e onde os direitos de todos como indivíduos devem ser reconhecidos e atendidos (UNESCO, 2009). Nesse sentido, a educação inclusiva é um conceito ético, no qual a importância do indivíduo é primordial. A educação está preocupada com as relações entre as pessoas, que estão envolvidas em viver, aprender e se desenvolver juntas como seres humanos.

Mas e se esse Outro não for como eu? Grande parte do desenvolvimento da educação inclusiva tem sido uma resposta à necessidade de reconhecimento desse Outro, em qualquer

forma que essa “estranheza” possa ser percebida. Lévinas está preocupado com a maneira como encontramos essa outra pessoa. Em sua descrição da vida intersubjetiva, o Outro me aborda: ele ou ela me chama, e devo responder a esse chamado.

O trabalho de Lévinas permite uma abordagem única para compreender a relação e a responsabilidade por cada Outro, que deve estar no cerne de vidas nas instituições de ensino, como em outros lugares, e acrescenta uma dimensão adicional à redução fenomenológica: a Redução Ética da Alteridade. Enquanto Husserl e Heidegger, em suas abordagens diferentes, estavam preocupados com a primazia do ser no mundo, foi Lévinas quem sustentou que, para compreender a existência humana, é necessário entender o significado do que não é como eu: o que é diferente do ser (van Manen, 2014, p.232). O “ir além” de Lévinas de si mesmo para responder ao chamado do Outro é a redução, no sentido de que permite enxergar além de si mesmo. E o mundo, para ver a essência de ser no mundo, se dá ao encontrar o Outro, se está em uma relação ética, no mundo pré-reflexivo do ser.

Lévinas desenvolveu e construiu sobre o trabalho de Bergson, Husserl e, por um tempo, Heidegger, bem como sobre a noção da relação Eu-Tu (*Ich-Du*) descrita por Buber (van Manen, 2014, p. 230). Os eventos de sua vida tiveram um efeito profundo em sua escrita e informaram todo o seu trabalho, à medida que ele reexaminava a natureza do mal na humanidade e continuava a desenvolver sua ética do Outro. O principal impulso por trás da extensa e complexa obra de Lévinas é o da negligência ou supressão do outro humano e não humano no pensamento ocidental, como ele o vê (van Manen, 2014, p. 1) e seu trabalho tem se concentrado na posição ética do Outro e na relação de cada um de nós com esse Outro, em termos do nosso ser. Lévinas vai além da ideia de Husserl de que, mesmo quando a intenção é uma forma de se conectar com o outro, ainda assim ignora o aspecto mais importante dessa intencionalidade: a singularidade do outro, à qual devemos constantemente alcançar (van Manen, 2014, p. 241).

A abordagem de Lévinas sobre a ética difere da visão tradicional de ética na filosofia ocidental, que enfatiza a busca de justificção para certas formas de comportamento, fazendo as perguntas “O que devo fazer?” ou “Como devo viver?” (van Manen, 2014, p. 247). Essa última abordagem enfatizou a relação consigo mesmo, através de traços compartilhados, para determinar a relação ética que temos com os outros. Segundo Lévinas, o Outro, isto é, aquele que não é como eu, e o ser do Outro, foram completamente negligenciados. Para Lévinas, essa relação ética é o elemento predominante, a verdadeira *prote philosophia*, ou primeira filosofia,

e todos os outros ramos da filosofia, como lógica, epistemologia e ontologia, são subordinados a ela (van Manen, 2014, p. 320).

A preocupação de Lévinas com a responsabilidade pessoal começa com a própria noção de ser. Ele escreve que, mesmo ao falar na primeira pessoa:

É preciso responder pelo direito de ser", pois, meu ser-no-mundo, 'meu lugar ao sol', meu estar em casa, esses não teriam sido também a usurpação de espaços pertencentes ao outro homem que eu já tinha pressionado, faminto ou expulsado para um terceiro mundo? (Levinas, 1989, p. 82).

É esse Outro, cujo lugar eu posso ter tomado tão cruelmente, e cujo rosto agora assombra meu próprio ser e que se vira para mim e me chama, me lembrando da minha responsabilidade. Essa responsabilidade para com o outro,

vai além do que eu possa ou não ter feito ao Outro ou quaisquer atos que eu possa ou não ter cometido, como se eu estivesse dedicado ao outro homem antes de ser dedicado a mim mesmo. Ou mais exatamente, como se eu tivesse que responder pela morte do outro mesmo antes de ser. (Levinas, 1989, p.83, tradução livre).

Essa responsabilidade pelo outro é, portanto, uma parte essencial do meu ser: ela pré-existiu ao meu ser atual e não é condicional a quem ou o que eu sou. Em outras palavras, não pode ser evitada ou evadida. Ela antecede todo o tempo, “antes de qualquer presente”. Dessa forma, Lévinas coloca o “Outro” acima de todos os outros. A relação com esse outro é primordial e é reconhecendo-os que nos tornamos humanos.

O humano é o retorno à interioridade da consciência não intencional, à *mauvaise conscience*, à sua capacidade de temer a injustiça mais do que a morte, de preferir sofrer a cometer injustiça e de preferir aquilo que justifica o ser em detrimento daquilo que o assegura. (Levinas, 1989, p.85, tradução livre).

Deve-se agir contra a injustiça e o sofrimento como parte do nosso ser. A pergunta a ser feita sobre nossa existência, como ele coloca, não é se há algo em vez de nada, mas “como o ser se justifica” (Levinas, 1989, p. 86). Essa demanda do ser é inflexível e desafiadora, direcionando nossa intencionalidade para o Outro, em uma relação ética, acima de tudo o mais. Lévinas escreve em “Além do Ser” que, “a palavra 'Eu' significa aqui 'Eu estou', respondendo



por tudo e por todos” (Levinas, 1991, p. 114). Isso não se refere apenas a uma espécie de responsabilidade universal, mas também no sentido da minha preocupação comigo mesmo. Meu ser e o do outro estão entrelaçados, pois “eu existo através do outro e para o outro” (Levinas, 1991, p. 114):

O “Eu” do self deve se afastar de si mesmo, de seu próprio ser, e encontrar seu ser com o Outro, quebrando o princípio do ser em mim... É a impossibilidade de voltar-se para todas as coisas e se preocupar apenas consigo mesmo” (Levinas., 1991, p.114, tradução livre).

Lévinas está preocupado com a alteridade do Outro, mas isso não se refere apenas à diferença entre pessoas de diferentes origens ou meios culturais. Refere-se à singularidade do Outro e à singularidade das vidas dos outros, em vez da maneira como a alteridade é expressa ou vista como “diferença” em relação a mim (Levinas, 1991, p. 186). Não é possível “reduzir” esse indivíduo único a uma descrição ou representação de suas características, perdendo assim seu *status* moral (Levinas, 1991, p. 188). É quando os seres humanos são reduzidos a rótulos e descritores que podemos começar a perdê-los como esse Outro único e vulnerável, pelo qual somos responsáveis. Esse Outro é representado pela “face”, a aparência. O conceito de “face” parece nos chamar: não é “o que” vemos, mas “quem” vemos e a quem respondemos ao chamado: “a singularidade da face é manifestada na relação Eu-Outro. A singularidade não é o que essa relação reconhece, mas o que ela produz” (Levinas, 1991, p. 189, tradução livre).

É como resultado do reconhecimento ético e da relação com o outro que a singularidade está presente. Assim, parece ser uma responsabilidade adicional para cada um de nós permitir que essa singularidade esteja presente. O fracasso em reconhecer e responder eticamente ao Outro diminuiria e exerceria controle sobre o Outro.

Portanto, na noção de Lévinas sobre nosso ser, não apenas somos chamados pela presença do Outro a responder e continuar respondendo e a assumir a responsabilidade pelo ser desse Outro, mas só podemos trazer a singularidade do Outro à existência por meio de nossa resposta a ele. Lévinas não tentou construir um sistema ético pelo qual poderíamos viver, mas nos mostrou que a natureza de nosso próprio ser é ética.

O efeito duradouro do trabalho de Lévinas sobre a ética tem sido trazer para foco agudo a questão da natureza de nossa relação como seres humanos com todos os outros, humanos e não humanos. Os desafios à nossa noção do que significa ser humano não podem ser ignorados.



É essa relação com o eu e o Outro, por meio da pesquisa fenomenológica, que encontra expressão na dimensão ética da filosofia de Lévinas e no “Eu e Tu” de Buber (van Manen, 2014, p. 230). O chamado ético é buscar “ver além” do que está diante de mim, para a “pessoa real” por trás disso: aquele Outro que é tanto como eu, quanto diferente de mim.

Em uma extensão da fenomenologia ética, esta pesquisa é ética: ela se preocupa com o ser do Outro e com a relação ética que devemos ter com o Outro: qualquer e todo Outro.

A proposta de Lévinas para mudar o paradigma pressupõe que a abordagem filosófica migra da primazia do ser para a primazia do Outro. Isso significa que, antes de qualquer tematização, há uma responsabilidade, uma ética de aceitação da alteridade de alguém. Como resultado, Lévinas propõe a superação do modelo ontológico de Heidegger, uma vez que o sujeito deixa de ser o centro das reflexões filosóficas e passa a ser antecipado pelo Outro (Leff, 2003, p. 39).

Partindo precisamente da ideia de que o discurso sobre a sustentabilidade é um discurso ético, Enrique Leff (2003) desenvolve a ideia de racionalidade ambiental através de um diálogo de conhecimentos baseado no trabalho de Emmanuel Lévinas. O estudo proposto por Leff (2003) confronta a noção de racionalidade de Habermas e a ética de Lévinas para concluir, brilhantemente, que a construção de um futuro sustentável depende de um diálogo aberto, capaz de aceitar visões e negociar interesses antagônicos.

A teoria da alteridade de Lévinas serve como base para o argumento de Leff (2003, p. 39), no sentido de que o “Outro” não é apenas outro rosto, mas outro conhecimento, outra bagagem cultural que deve ser considerada e certamente influenciará o diálogo e, conseqüentemente, a construção da noção de sustentabilidade:

O Outro é rosto, mas também é o outro do saber totalizador. O ambiente, enquanto é um saber, aparece como essa externalidade (o absolutamente Outro) do conhecimento objetivo que busca a mesmidade entre a palavra e a coisa, a identidade entre o conceito e o real, o reflexo do ente no conhecimento. Por isso, o ambiente não é uma dimensão internalizável ou assimilável dentro de um sistema teórico, uma economia do saber, ou nos paradigmas objetivantes do conhecimento (Leff, 2003, p. 39).

Em resumo, a ética da alteridade proposta por Lévinas questiona o primado do ser e da ontologia, colocando o Outro como a figura central de nossas responsabilidades éticas. O diálogo de saberes entre a racionalidade comunicativa de Habermas e a ética da alteridade de Lévinas traz à tona a importância de considerar o Outro em nossas reflexões filosóficas e

práticas cotidianas, abrindo caminho para um futuro sustentável pautado na aceitação, respeito e responsabilidade para com o próximo e o ambiente em que vivemos.

LÉVINAS E EDUCAÇÃO INCLUSIVA

A contribuição da filosofia de Lévinas para a educação tem sido reconhecida há algum tempo e oferece novas e diferentes formas de conceituar aspectos da educação. Embora a obra de Lévinas em si não esteja sempre diretamente relacionada à educação em si, ela se destaca como um tema importante em seu trabalho. Lévinas escreve extensamente sobre a maneira como “aprendemos” com o Outro, em um relacionamento que é anterior a todos os outros. Seu trabalho sobre a ética como primeira filosofia e alteridade pode fornecer uma contraposição a muitos dos pressupostos que cercam a educação, conforme ela se desenvolveu a partir de suas raízes na tradição filosófica ocidental, e pode perturbar o pensamento atual. Isso possibilita a emergência de novas e diferentes abordagens de pesquisa e reflexão sobre algumas das principais questões e perplexidades da educação.

Ao longo desta pesquisa, apoiou-se no trabalho de filósofos contemporâneos para compreender as diferentes maneiras pelas quais o trabalho de Lévinas pode ser aplicado a muitos aspectos da educação, especialmente o trabalho que aborda a noção de ser humano e a forma como nossa intersubjetividade encontra expressão na educação.

A pesquisa se direciona ao trabalho de Lévinas, especialmente sobre a natureza vinculante do chamado para responder e a natureza ética do relacionamento intersubjetivo. Embora seja evidente que todo ensino deva ser um encontro ético entre professor e aprendiz, é no trabalho de Lévinas sobre a visão da ética como primeira filosofia e a relação de responsabilidade que temos com todos os Outros que se começa a perceber suas implicações para a educação inclusiva.

Em suma, as ideias de Lévinas sobre responsabilidade e alteridade lembram que o cerne da educação inclusiva está em reconhecer e responder à singularidade e dignidade de cada indivíduo. Como educadores, são chamados a envolver-se em um relacionamento ético com discentes, valorizando suas experiências e perspectivas e criando um ambiente onde todos e todas possam florescer e sentir um senso de pertencimento.



Para atender aos objetivos declarados da maneira mais eficaz possível e reduzir as diferenças e superar “deficiências” através de outras pedagogias que excluem as diferenças, onde o humano e o indivíduo são ignorados e desvalorizados, sugere-se que uma (re)conceitualização da educação inclusiva como um esforço ético, de acordo com a perspectiva de Lévinas, pode contribuir para a maneira como se pode repensar a educação inclusiva, tanto em termos de pesquisa quanto na reavaliação dos conceitos de inclusão e, portanto, de educação inclusiva, desafiando a aceitação da forma familiar de ser.

Como tal concepção de educação inclusiva se apresentaria? Claro que não existem maneiras simples ou práticas de passar de uma posição teórica para uma posição prática, e nenhuma fórmula que possa ser transferida diretamente para a prática. No entanto, o trabalho de Levinas é de grande relevância para a educação inclusiva, como forma de entender alguns aspectos que parecem estar impedindo seu progresso e como forma de superar esses obstáculos para avançar na educação inclusiva.

Nenhum sistema educacional pode ser chamado de inclusivo se essas atitudes continuarem a existir, não importa o quão bem a retórica pareça disfarçar as realidades da prática. Nesse sentido, a (re)conceitualização da educação inclusiva se afigura como um esforço ético, nos moldes da alteridade de Lévinas, o qual permitirá ver de maneira diferente e talvez afastar algumas das dificuldades que surgiram em torno da educação inclusiva e que parecem se alterar e proliferar em diferentes contextos.

Nesta concepção de educação inclusiva, torna-se responsabilidade do professor se voltar para do discente, vê-lo de frente. Assim, o professor encontrará a si mesmo responsável pela humanidade do outro, como uma responsabilidade ética muito maior do que qualquer outra, mas, ao mesmo tempo, e paradoxalmente, deve aprender com o outro, invertendo o conceito de mestre e aluno, ou professor e aprendiz (Levinas, 1991, p. 80). Da mesma forma, cada discente também pode ser chamado a assumir a responsabilidade pelo Outro, estendendo a realidade de uma educação verdadeiramente inclusiva.

Lévinas deixou claro que o encontro face a face não é aquele em que se está ciente dos detalhes físicos, tornando o outro objetificado (Levinas, 1991, p. 85). Esse encontro, portanto, não pode ver nem reconhecer o outro em termos de rótulos, deficiências ou quaisquer tipos de deficiências, e a resposta ao outro não é limitada por marcadores de qualquer espécie. Isso eliminaria os rótulos e aspectos das pessoas que as tornam inferiores e permitiram que alguns

jovens fossem vistos como menos importantes, incapazes de contribuir para os objetivos estreitos do currículo ou da educação para fins específicos nacionais e, portanto, não um investimento valioso em tempo, dinheiro e recursos. Todas essas limitações podem ser vistas na compreensão levinasiana de “totalidade”, que limita as oportunidades ilimitadas do “infinito” (Levinas, 1980). Ao mudarmos nossa relação com todos os outros, então tanto nós quanto eles somos livres para desenvolver nossa humanidade de forma infinita.

As noções de “lar”, “moradia” e “hospitalidade” de Lévinas (1980) podem nos permitir reconsiderar o conceito de “sentido de pertencimento”, e que faltava na experiência de muitos nesta pesquisa: tanto os jovens quanto os adultos. A importância de ser uma parte valorizada de uma comunidade, por menor que seja, é central para a experiência da educação inclusiva e nos leva além do “alcançar todos os aprendizes”, que estende um convite para entrar na comunidade de aprendizes (Levinas, 1980). Essa entrada é um passo em direção a um senso de pertencimento, que traz conforto, força e permite a cada pessoa, por sua vez, estender esse convite hospitaleiro aos outros, para assumir a responsabilidade infinita por cada um, nos termos em que Lévinas nos convoca.

O papel do professor é uma parte crucial do trabalho de Lévinas, que tem muito a abordar na educação inclusiva. De fato, já é limitante falar do “papel” de professor, pois a complexidade do encontro entre dois seres vai muito além da suposição de qualquer papel, face ou parte a ser desempenhada. Tão importante é o “professor” para Lévinas, que ele compara o relacionamento com um aluno ao encontro messiânico: “o relacionamento aluno-professor, que aparentemente permanece rigorosamente intelectual, contém todo o significado de um encontro com o Messias” (Levinas, 1990, p. 85).

O trabalho de Lévinas sobre o relacionamento de responsabilidade traz à tona aspectos da profundidade do encontro entre professor e discente. Da mesma forma, a noção de Lévinas sobre a ética da alteridade como primeira filosofia deve questionar outras concepções do relacionamento professor-aprendiz e pode perturbar as suposições que dominam tanto o pensamento atual em educação. Foi a distorção desse relacionamento que permitiu que o Outro na educação fosse deixado de lado, ignorado, humilhado e afastado, de maneira semelhante à forma como Lévinas descreve a abnegação da responsabilidade que temos por todos os Outros. Nessa compreensão, devemos responder ao chamado do outro, e é assim que nos tornamos plenamente humanos. Mas essa é uma relação assimétrica, na qual não pedimos nem esperamos

nada em troca do Outro, mas sim uma relação na qual somos comandados ou obrigados a responder.

Lévinas deixou claro que o encontro face a face não é aquele em que se está ciente dos detalhes físicos, tornando o outro objetificado (Levinas, 1985, p. 85). Assim, tal encontro não pode ver ou reconhecer o outro em termos de um rótulo, uma deficiência ou qualquer tipo de carência, e a resposta ao outro não está limitada por marcadores de qualquer tipo.

Assim, a pesquisa sobre experiência vivida não é pesquisa “sobre” outros, mas “com” outros, em uma relação ética, na qual o pesquisador é convidado a compartilhar a expressão desse mundo vivido, dado pelo participante. Especialmente, a Lévinas, em certo sentido, responde aos seus próprios críticos nesse ponto, quando afirma que sua “tarefa não é construir ética; apenas tento encontrar o seu significado” (Lévinas, 1991, p. 90). Assim, não apenas este estudo assume uma posição como pesquisador ético, mas também se busca conceitualizar a educação inclusiva como ética, em sentido levinasiano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na face do outro, na fuga do domínio, o outro expõe o absolutamente outro. Sua alteridade fala de um infinito, remete a alguém outro. A face é um vestígio do infinito e marca a resistência do outro em ser abarcado na totalidade, pois nele há um infinito que a generalidade não esgota, mas supera, é alteridade. Para Lévinas, o conceito de infinito aparece na face do outro, que é um vestígio do infinito e representa a presença da alteridade. Nesse encontro face a face, o outro se expõe como absolutamente outro, desafiando qualquer tentativa de totalização.

O pensamento de Lévinas continua a inspirar estudiosos e filósofos a refletirem sobre questões fundamentais da existência humana, das relações sociais e da ética. Sua abordagem da alteridade e da ética coloca um forte desafio às concepções tradicionais de conhecimento e ontologia, convidando-nos a repensar nossas práticas e atitudes em relação aos outros e ao mundo que nos cerca. A ética da alteridade se apresenta como uma potente ferramenta para a construção de uma sociedade mais inclusiva, compassiva e sustentável, onde a responsabilidade para com o Outro é o ponto de partida para uma convivência ética e respeitosa.



A ética da alteridade proposta por Lévinas enfatiza a importância do Outro em nossa experiência ética e filosófica. Em vez de colocar o ser no centro de nossas reflexões, devemos antecipar o Outro e assumir a responsabilidade ética por ele. Esse deslocamento ético é fundamental para uma compreensão mais ampla das relações humanas e para a construção de um futuro sustentável baseado na acolhida, na responsabilidade ética e na abertura ao infinito do Outro.

Portanto, a ética da alteridade pode ser vista como um importante alicerce para a concretização da ODS 4. Ao incorporarmos essa perspectiva em nossas políticas educacionais, práticas docentes e interações dentro das comunidades escolares, estaremos contribuindo para uma educação mais inclusiva e de qualidade, preparando os indivíduos para viverem em uma sociedade que valoriza a diversidade, a sustentabilidade e a convivência ética e respeitosa com o Outro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DE MELO, Nelio Vieira. A ética da alteridade em Emmanuel Levinas. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

FRASER, Nancy. Rethinking Recognition. *New Left Review*. v. 3, pp. 107–120, 2000.

hooks, bell. *Yearning: Race, Gender, and Cultural Politics*. Boston: South End Press, 1990.

HUSSERL, Edmund. A ideia da fenomenologia. Lisboa: Edições 70, 1986.

LEFF, Enrique. «Racionalidad ambiental y diálogo de saberes: sentidos y senderos de un futuro sustentable», *Desenvolvimento e Meio Ambiente*, 2003, vol. 7.

LEVINAS, Emmanuel. De otro modo que ser o más allá de la esencia. Trad. Antonio Pintor Ramos. Salamanca: Ediciones Sígueme, 2003.

LEVINAS, Emmanuel. De outro modo que ser ou para lá da essência. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2011.

LEVINAS, Emmanuel. *Difficult Freedom. Essays on Judaism*. Maryland: S. John Hopkins University Press, 1990.

LEVINAS, Emmanuel. Entre Nós: ensaios sobre a alteridade. Tradução de Pergentino Stefano et al. Petrópolis: Vozes, 1997.

LEVINAS, Emmanuel. Otherwise than Being or Beyond Essence. Pittsburgh, Pennsylvanis: Duquesne University Press, 1991.

LEVINAS, Emmanuel. The Levinas reader. Selections. Cambridge: Basil Blackwell, 1989.

LEVINAS, Emmanuel. Totalidade e infinito: ensaio sobre a exterioridade. Lisboa: Edições 70, 1980.

LEVINAS, Emmanuel. Violência do rosto. São Paulo: Loyola, 2014.

NASCIMENTO, Abimael Francisco do, Emmanuel Lévinas: um estudo sobre a ética da alteridade, Brazil, Curitiba, Publishing, 2020, p. 17.

SILVA, Jacilene Maria. Identidade vs Alteridade: a identidade justificada pela ética da alteridade, segundo o pensamento de Emmanuel Lévinas, Recife, 2018, p. 15.

UNESCO. A Guide for ensuring inclusion and equity in education: Education 2030; Paris: UNESCO, 2017

UNESCO. Guidelines for inclusion: Ensuring access to education for all. Paris: UNESCO, 2009.

VAN MANEN. Phenomenology Online: A Resource for Phenomenological Inquiry. Hermeneutic Interview Reflection. Disponível em: <http://www.phenomenologyonline.com>. Acessado em: 27 jul. 2023.